

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A COMÉDIA (PARTE II)
- A COMÉDIA, IMPROVAVELMENTE
10 e 14 de setembro de 2020

DR. STRANGELOVE OR HOW I LEARNED TO STOP WORRYING AND LOVE THE BOMB / 1964

(Dr. Estranhoamor)

um filme de Stanley Kubrick

Realização: Stanley Kubrick / **Argumento:** Stanley Kubrick, Terry Southern e Peter George, baseado no romance "Red Alert" de Peter George / **Fotografia:** Gilbert Taylor / **Direcção Artística:** Ken Adam / **Efeitos Especiais:** Wally Veevers / **Som:** John Cox / **Música:** Laurie Johnson, com as canções "Try a Little Tenderness" e "We'll Meet Again", cantadas por Vera Lynn / **Montagem:** Anthony Harvery / **Interpretação:** Peter Sellers (Major Lionel Mendrake; Presidente Muffley; Dr. Strangelove), George C. Scott (General "Buck" Turgidson), Sterling Hayden (General Jack D. Ripper), Slim Pickens (Major T. J. "King" Kong), Keenan Wynn (Coronel "Bat" Guano), Peter Bull (Embaixador Sadesky), Tracy Reed (Miss Scott), James Earl Jones (Tenente Lotter Zogg, Bombardeiro), etc.

Produção: Stanley Kubrick para a Hawk Films / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendado em espanhol e eletronicamente em português, 96 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, a 12 de Janeiro de 1964 / **Estreia em Portugal:** Estúdio 444, a 25 de Julho de 1974.

A sessão de dia 10 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

Dr. Strangelove foi o filme que possibilitou a Kubrick passagem de um estatuto muito elevado, mas ainda comum a muitos outros, a um estatuto ímpar. Esta "nightmare comedy" como o próprio Kubrick lhe chamou, ultrapassou, em acolhimento e lucros, todas as expectativas e permitiu ao autor o controlo total dos seus produtos e o dinheiro necessário ao projecto e filme seguinte: nem mais nem menos do que **2001: A Space Odyssey**, estreado quatro anos depois.

Dr. Strangelove ganha em ser situado no tempo, embora seja tão divertido (e tão terrível) hoje como há cinquenta e quatro anos. Nos finais de 62, a humanidade estivera mais perto do que nunca da guerra nuclear, quando da chamada "crise de Cuba" e do bloqueio imposto pelo então Presidente Kennedy. Como se usa dizer, "esteve-se por um fio". Sabia-se e sabe-se que alguns generais e almirantes americanos encararam com certa desenvoltura (e até certo prazer) a hipótese da 3ª guerra mundial, acreditando que iam finalmente poder dar cabo dos "comunas" todos. Não foi sem alguma decepção que souberam que a esquadra soviética batera em retirada e que receberam, no último minuto, a ordem pessoal do Presidente para não atacarem. "Damn'it" teria sido mesmo a frase histórica de uma alta patente que já se aprontava para a "ordem final". E não faltou quem insinuasse ou dissesse que Kennedy perdera uma boa ocasião...

Ajustar contas com essa "paranóia" foi o objectivo que presidiu a **Dr. Strangelove**, sob a forma de comédia, ou até de farsa. "This is the anti-war film for the sixties".

Note-se, em primeiro lugar, que, com a aparente exceção do oficial da R.A.F. (uma das três personificações de Peter Sellers neste filme) a paranóia domina todos os militares. Em primeiro lugar, o General Jack D. Ripper ("jogo de palavras" com Jack, O Estripador, numa "brincadeira" que se repete com outras personagens) que nos é introduzida em grande plano, contra-plongé e de charuto. Rapidamente percebemos que o homem é doido varrido, mas que esse doido varrido tem o efectivo poder (a tal "falha humana" que George Scott explica subtilmente ao Presidente) de desencadear a guerra nuclear. Scott é mais "normal", mas não esconde a sua alegria pelo que pode suceder, nem a sua decepção face às reacções presidenciais: "I'm not saying we wouldn't get over hair mussed, I am saying only ten to twenty millions people killed, taps, depending on the breaks". E opõe essa "insignificância" (dez a vinte milhões de mortos) aos 150 milhões que haverá "se os russos forem prevenidos". E quando o Presidente lhe objecta que não quer ficar na história como o novo Hitler, Scott responde-lhe que ele se preocupa demais com a História e de menos com o povo. E vai, num crescendo de paranóia, até á famosa cena de pugilato, com o Embaixador da U.R.S.S., pretexto para a famosa frase do Presidente: "Gentlemen, you can't fight in here. This is the War Room".

Finalmente, temos o piloto do avião, o "King" Kong, de "chapéu à cowboy", de discurso histórico, num crescendo de estupidez genial que culmina na "cavalgada" final da bomba e do "Yepeeee!" à "faroeste". Não menos dignos da galeria são o episódico (mas notável) Guano (interpretado por Keenan Wynn), de metralhadora na mão a saborear a sua "incrível" vitória, bem como as "altas patentes" reunidas no espaço magistral do "War Room" (prodigiosa concepção do grande art designer Ken Adam).

Kubrick não hesita em apontar a origem daquela "loucura". A insinuação feita no plano inicial da arma fálica, vai tornar-se rapidamente explícita. A guerra é a manifestação de virilidade de homens impotentes. Esse é o problema de Sterling Hayden, convencido que os "fluidos envenenados" pelos "comunas" lhe retiraram a potência sexual, que só recuperará quando acabar com eles, graças à guerra. "Women sense my power, and they seek me out. I do not avoid women. But I deny them my life essence". Esse é o problema de Scott (fabuloso episódio com a secretária, fabuloso telefonema desta para o "War Room": "of course, it isn't only physical"); esse é o problema do Kong, naquela tripulação onde as horas de ócio se passam na leitura do "Playboy" e cuja imagem final tanto reenvia ao imaginário do western como ao erótico (a bomba como imenso fálus de Kong).

E quando o inacreditável Dr. Strangelove expõe a sua teoria acerca da sobrevivência da espécie no abrigo nuclear (dez mulheres para um homem) americanos e russos coexistem nesse paraíso de Alá, a contrário sensu, cuja visão idílica é capaz de ressuscitar Lázaro, ou seja de fazer o aleijado voltar a andar: "Mein Führer, I can walk!".

E "piadas" do género chovem durante o filme e para ambos os lados: o presidente russo não está no Kremlin, mas numa morada particular ("he is a man of the people, but he's too a man... You understand...") e está "com os copos" quando o colega americano o localiza, nesse antológico telefonema ("I'm very sorry - You're more sorry than I am? - I'm so sorry as you are - Don't say you're more sorry than I am"). Os personagens do filme não se limitam a ver "reds under the bed". Como nota Alexander Walker acreditam que os "reds" pervertem "every bed".

Tenho citado muitos diálogos e no original. Mas esses diálogos são um dos pratos fortes deste filme e poucas vezes textos cinematográficos terão ido tão longe na irrisão, como nos "telefonema de amigo" de Washington para Moscovo ou vice-versa, nos diálogos Scott-Sellers, ou Hayden-Sellers, ou na leitura dos diversos códigos secretos do avião.

Pontuados pelos grandes letrados ("Peace is our profession"; "Peace on Earth") o tratamento delirante desses diálogos só tem equivalente no uso da banda sonora (pela primeira vez, Kubrick se revela um mestre absoluto nesse domínio) e pelo tratamento dos espaços.

Começando logo no genérico (após a legenda que fala da "ultimate weapon") com a melodia "Try a Little Tenderness", toda a banda sonora pontua em irrisão o que se vai passando (sobretudo notável e fulgurante no avião) até culminar com "We'll meet again" sobre as imagens do cogumelo atômico, na suave voz de Vera Lynne depois da "ressurreição" de Strangelove.

Antes de ir a esta (magna criatura kubrickiana) chamo a atenção para os três espaços do filme: o quartel do General Ripper (de que praticamente só vemos o gabinete deste); o avião de Kong; e o war room. Se o último é o décor mais impressionante, a sua existência só funciona pelo seu vazio, ou seja pelo nada que se pode decidir dentro dele. Os centros de decisão estão nos espaços fechados: o gabinete aferrolhado de Ripper (que só sai dele e do filme, pelo espaço ainda mais fechado da casa de banho), o avião de Kong. Se as tropas ainda conseguem (depois daquela absurda carnificina) chegar até Ripper, nem todas as forças do mundo conjugadas (russos e americanos) detectam o avião de Kong.

Mas **Dr. Strangelove** será somente uma charge aos militares? Porque tem o Presidente por conselheiro aquele robótico Dr. Strangelove (americanização literal de "Merkurdwieliebe"), descendente longínquo do Rothwang do **Metropolis**, tão a custo dominando a sua atávica confusão entre Führer e President como a mão que o impele para a saudação hitleriana?

É ele afinal quem dá o título ao filme, fundindo numa só palavra os discursos contraditórios que ouvimos a políticos e militares e os textos contraditórios que lemos como epígrafes. E ficamos tão "deslumbrados" com a "performance" (as "performances") de Peter Sellers que nos podemos esquecer de fazer a pergunta capital: foi apenas para demonstrar o virtuosismo do actor que Kubrick confiou três diferentíssimos papéis ao mesmo intérprete? Ou será que o civilizado homem da R.A.F., o cordial Presidente e o terrífico sábio (atenção à sua portentosa "entrada no filme", vindo das sombras) não serão afinal uma só personagem, sob três aparências distintas, variação genial do tema do médico e do monstro?

"Obviously the work of a psychotic?" como afirma sereno Sellers, como Presidente. "I wouldn't be too hasty, Mr. President". Perante os dois "milagres" finais (a cura do Dr. Strangelove e a explosão da bomba), talvez o Presidente tenha ainda tido tempo de aprender que nada é tão óbvio, neste filme, como parece. E todos se encontrarão de novo, num paraíso de que já suspeitam que os russos podem tirar mais proveito que os americanos. O que não conseguiu de Hitler, Strangelove obteve-o com Muffley: "Mein Führer".

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico